

RITA MARNOTO [COORD.]

CAMINHOS DA ITALIANÍSTICA EM PORTUGAL

IEI FLUC

Caminhos da Italianística em Portugal

Coordenação de Rita Marnoto

Leo nar do

ISBN 972-9038-62-7



9 789729 038624

série LEONARDO 1

INSTITUTO DE ESTUDOS ITALIANOS
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CAMINHOS DA ITALIANÍSTICA EM PORTUGAL

CAMINHOS DA ITALIANÍSTICA EM PORTUGAL

Coordenação de Rita Marnoto

INSTITUTO DE ESTUDOS ITALIANOS
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Título: Caminhos da Italianística em Portugal

Coordenação: Rita Marnoto

Design e produção editorial: FBA. Ferrand, Bicker & Associados

Edição: Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

Série: “Leonardo”, dirigida por Rita Marnoto

Data de edição: 2004

ISBN: 972-9038-62-7

Depósito Legal:

Com o especial apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

INTRODUÇÃO

AS RELAÇÕES entre Portugal e a Itália remontam a tempos ancestrais, oferecendo um riquíssimo manancial de possibilidades de exploração que, da literatura, se estende às artes plásticas, à música, ou à arquitectura. A essa matéria, tem vindo a ser dedicado um considerável número de trabalhos e publicações. Tal é a amplitude da área diacrónica abrangida, bem como a diversidade dos domínios disciplinares envolvidos e das perspectivas metodológicas utilizadas, que a consolidação do seu desenvolvimento não poderá ser concebida à margem de uma reflexão sistemática, susceptível de apontar, direccionar, ou, mesmo, questionar, intervenções futuras.

Foi para reflectir sobre esse conjunto de temas que o Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra reuniu, no *Primeiro Encontro de Italianística. Caminhos da Italianística em Portugal*, realizado a 25 de Fevereiro de 2003, cinco especialistas nesse domínio científico, os Senhores Prof. Doutores Américo da Costa Ramalho, Jorge Alves Osório, Aníbal Pinto de Castro, Zulmira Santos e Giuseppe Mea. Assim se dá continuidade a uma tradição de estudos que remonta, institucionalmente, a 1929, ano da fundação da Sala Italiana da Faculdade de Letras. Mas o caminho que foi sendo desbravado, a braço, ao longo das passadas décadas, só pode conservar o seu verdadeiro sentido se for iluminado e revivificado por um presente que o contenha, para o projectar a partir do mundo de hoje.

A italianística é um campo de estudos privilegiado, pela diversidade das áreas, dos recortes linguísticos e das manifestações poético-literárias que no seu espaço proficuamente

se entrecruzam. Semiótica, estudos culturais, teoria do conhecimento e hermenêutica, têm insistido, nos seus mais recentes desenvolvimentos, sobre a inexistência de fenómenos culturais puros. Se qualquer forma de expressão antropológica resulta de intersecções sistémicas, a tradução é o acto fundador desse processo de transmissão dinâmica, enquanto troca de falares, de imagens, de saberes e de concepções poéticas. A apropriação de uma obra literária, num contexto diferente daquele em que foi produzida, de modo algum pode implicar a importação passiva, por parte de uma literatura considerada “menor”, de temas, autores e obras de uma literatura que, por ser aquela que “influencia”, é tida por “maior”. “Non lupus in fabula, sed lector”, de acordo com o brilhante desenvolvimento de Umberto Eco. Ora, sendo o discurso comparatista um discurso deliberadamente aberto à pluralidade, à reciprocidade e ao diálogo entre diferentes, a perspectiva metodológica que o enforma não pretende, de forma alguma, neutralizar essas diferenças. Pelo contrário, é seu objectivo, através do estudo desse valor relacional, fazer da alteridade via através da qual é possível aceder quer a um mais elevado nível de conhecimento, tomado por si, quer a um melhor domínio conceptual das realidades estudadas. Por conseguinte, também ao estudo da literatura e da cultura portuguesas a italianística poderá dar um contributo essencial, enquanto modalidade de indagação analítica conducente a uma mais profunda definição da sua identidade e da sua especificidade, através da referida via relacional e intersistémica.

Aliás, os valores, tão actuais, do multiculturalismo e do multilinguismo, afundam as suas próprias raízes no Humanismo italiano. Leonardo da Vinci não tinha uma formação estritamente humanista. No entanto, em Florença ou em Milão, onde trabalhou durante mais de vinte anos, em Roma ou em Mântua, o humanismo respirava-se no ar. O modo como concebeu a abolição de fronteiras entre saberes foi o derradeiro golpe desferido contra uma divisão estanque entre artes liberais e artes mecânicas.

Através da palavra escrita, Leonardo viu que o desenho era uma ciência, e, ao desenhar o corpo, mostrou que a medicina era uma engenharia que podia ser dotada de sentido estético. Quando, já em idade avançada, se dedica ao aprofundamento dos seus estudos literários, não se cansa de proclamar que o verdadeiro saber resulta da conjugação da experiência com a ciência dos “*alori*”. É que, com o seu italiano de Vinci, a pequena localidade da Toscana onde nascera, em 1452, em vez de escrever “*autori*”, quer dizer, “*autores*”, Leonardo escrevia “*alori*”. A variante fonética corta por uma ponte etimológica, a do étimo latino de “*alter, altera, alterum*”. Por essa via, Leonardo mostra-nos, com as suas reflexões e com a sua prática, como o lustro da lição dos bons autores literários alcança o seu verdadeiro sentido, pelos caminhos da sua recepção, através dos séculos, no intercâmbio de saberes e de culturas. É para o celebrar que a série que, com este volume, se inicia, é intitulada “Leonardo”.

Abriu o Encontro Américo da Costa Ramalho, com uma conferência na qual reforça a ideia de que, se o Humanismo chegou a Portugal por via italiana, o principal elo dinamizador dessa interrelação foi Cataldo Parisio Sículo. O seu texto mostra bem como o prosseguimento da investigação em torno do círculo de discípulos que formou, e das relações que manteve com a alta aristocracia, com os quadros da administração pública, o alto clero, a cleresia miúda, professores universitários e humanistas portugueses, proporciona um melhor conhecimento não só de inúmeros aspectos da produção literária desse período, como também de todo o tecido cultural que serviu de pano de fundo ao seu labor. Nesse vasto panorama, Costa Ramalho lança preciosas pistas de pesquisa, como a que diz respeito ao lugar eventualmente ocupado, na relação entre Luís Vaz de Camões e D. António de Noronha, por Simão Vaz, originário dos arredores de Coimbra, que foi mestre de latim de D. Pedro, filho primogénito de D. Fernando de Meneses, 2º marquês de Vila Real, ou ao estudo da obra de D. Leonor de Noronha, mulher de grande

cultura, sem deixar de chamar a atenção para a utensilagem metodológica de que o crítico se deve previamente munir.

Por sua vez, Jorge Alves Osório retoma o percurso da sua própria formação académica, para mostrar como, ao longo de várias etapas, o convívio com a língua e a literatura italianas foi uma constante. Erigiu-se, logo nas primeiras lições dos seus mestres de Coimbra, em modo de aceder a conteúdos pedagógicos de ordem linguístico-cultural, através da boa lição filológica. Com o prosseguimento da sua carreira académica, esses contactos foram-se sempre alargando, já que, quer se dedicasse à literatura portuguesa medieval, ao Humanismo, aos autores gregos e latinos, à literatura portuguesa clássica, ou ao Romantismo português, os livros italianos eram indispensáveis. São extraordinariamente amplas, pois, as sugestões de aprofundamento temático que se desprendem de todo o percurso traçado. Assim, para quem lê as páginas da sua intervenção, uma tal experiência erige-se em matriz que assume, para as novas gerações, fino valor exemplar.

Segue-se o texto de Zulmira Santos, situado no âmbito das relações entre Portugal e a Itália no século XVIII. Conforme bem o mostra esta conferência, trata-se de um campo que oferece possibilidades de pesquisa vastíssimas, as quais se insinuam, não raro, de modo extremamente subtil. A *Harmonia da razão e da religião*, de Teodoro de Almeida, insere-se num filão literário onde avultam referências francesas e italianas, com relevo, neste caso, para Francesco Algarotti. É, porém, numa outra célebre obra do mesmo autor, a *Recreação filosófica*, que o espírito e a letra do pensador italiano são mais de perto explorados. Apesar de o diálogo que Teodoro de Almeida mantém com Algarotti também ser fundamental para a interpretação destas páginas, o seu nome nunca é explicitamente citado. Com efeito, na oficina do trabalho literário setecentista encontram-se alojadas sugestões, indispensáveis para uma compreensão do sentido profundo desse labor, que bem documentam os elos que ligam a cultura portuguesa da época ao que se passa em Itália. Mas só um olhar

crítico muito atento aos níveis profundos do texto poderá colher a sua presença.

Finalmente, Giuseppe Mea deteve-se sobre a análise de um instrumento básico para o estudo do italiano em Portugal, o dicionário, a qual é complementada com uma perspectiva acerca do ensino da língua. Traça um itinerário de evolução diacrónica, que se inicia com os dois volumes de Joaquim José da Costa e Sá, de 1773, e se estende até ao dicionário que precede, de imediato, o que foi recentemente elaborado pelo próprio Giuseppe Mea. Nesse percurso, interpretado à luz do respectivo contexto cultural, cujas fronteiras se alargam também às rotas atlânticas do Brasil, ficam sintetizados três séculos da história das relações entre Portugal e a Itália. O que passa pela problematização das soluções requeridas pelas oscilações linguísticas registadas entre o português de Portugal e do Brasil. Quanto ao ensino do italiano, no plano universitário e fora dele, o seu agudo questionamento incide sobre as razões em virtude das quais não se registou, em Portugal, nos últimos anos, um movimento de expansão, sublinhando a necessidade da sua inserção institucional nas escolas portuguesas.

A esse conjunto de textos, um outro se veio a acrescentar, que incide sobre um tema dotado de particular actualidade, a actividade de edição e de tradução de autores portugueses em Itália, com especial relevo para o período que se estende desde o 25 de Abril de 1974 até hoje. Da análise do papel activo desempenhado pela tradução, na dinâmica do polissistema literário, resulta um panorama onde ficam contidos os grandes desafios que se colocam, hoje, ao desenvolvimento das relações culturais entre Portugal e a Itália. O trabalho de Roberto Francavilla foi tema do seminário, inserido no programa de intercâmbio SOCRATES, que realizou no Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras de Coimbra, no presente ano lectivo.

A terminar, fica a lembrança do entusiasmo com que os cinco conferencistas que participaram neste *Primeiro Encontro de*

Italianística. Caminhos da Italianística em Portugal, aderiram, de imediato, à iniciativa. Sem o seu saber, mas também, sem a sua dedicação calorosa e amiga, não teria sido possível realizá-lo. Fica a recordação da fidelidade com que, há vários anos, Roberto Francavilla se desloca a Coimbra, para trazer sempre novos estímulos ao gosto dos nossos estudantes pela italianística. Fica a colaboração amiga dos colegas do Instituto de Estudos Italianos, Manuel Ferro, Alberto Sismondini e Lino Mioni. E fica a determinação de dar continuidade a este projecto.

Ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras, ao Gabinete de Acção Cultural da Reitoria da Universidade de Coimbra, à Fundação para a Ciência e a Tecnologia e à Fundação Calouste Gulbenkian, são dirigidos agradecimentos pelo apoio concedido.

RITA MARNOTO

CATALDO PARÍSIO SÍCULO E O HUMANISMO EM PORTUGAL

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Universidade de Coimbra

ANTES DE CATALDO, houve outros humanistas italianos em Portugal, chegados ao nosso país antes de 1485, ano da vinda do siciliano para a Corte Portuguesa. Mas são pouco mais do que nomes Estêvão de Nápoles e Justo Baldino. Este último foi bispo de Ceuta onde, ao que parece, nunca esteve e faleceu de peste em Almada em 1493. Fora encarregado de passar para latim as crónicas dos reis de Portugal, mas, se alguma coisa fez, nada chegou até nós.

Um caso à parte é o de outro humanista, vindo de Itália, Mateus de Pisano que escrevera o *De Bello Septensi* em 1460, sobre a conquista de Ceuta, quarenta e cinco anos antes. O seu livro é baseado na *Crónica da conquista de Ceuta* de Gomes Eanes de Zurara, mas com razoável independência, não desprovida de imaginação e sentido do pitoresco. Ele e Zurara eram amigos e elogiaram-se mutuamente. O *De Bello Septensi* só foi publicado em 1790, por iniciativa do Abade Correia da Serra, na Academia das Ciências. Só veio a ser traduzido em 1915, pelo Coronel Correia Pinto, professor de Latim no Colégio Militar, como parte das celebrações do quinto centenário da Conquista de Ceuta. Todavia, uma nova edição do texto e uma renovada tradução tornam-se necessárias.

Então porque consideramos Cataldo Parísio Sículo o introdutor do Humanismo Renascentista em Portugal, e o ano de 1485, o da sua vinda para o nosso país, como ponto de referência para o início do Humanismo entre nós?